
TEMPOS MODERNOS: RELAÇÃO DA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO E RELIGIÃO

Maronildes Felix Limeira
Mestranda em Ciências das Religiões – UFPB

Introdução

O crescimento das cidades e a urbanização do mundo é um dos fatores mais notáveis dos tempos modernos. As influências que as cidades exercem sobre a vida social do homem são maiores do que poderia indicar a proporção da população urbana, pois a cidade é, em graus sempre crescentes, a moradia e o local de trabalho do homem moderno, como também, o centro iniciador e controlador da vida econômica, política e cultural.

As redes de produção, disseminação e apropriação de conhecimentos desempenham hoje um papel central na sociedade, tornando estratégica a reflexão sobre as mesmas e sobre as repercussões que trazem para as formas de produção e apropriação de conhecimentos, notadamente para as formas do trabalho inter e transdisciplinar em uma sociedade cada vez mais complexa.

Essa nova forma de conceber o conhecimento está dando início a profundas transformações, afetando não apenas a ciência e as humanidades, mas a tecnologia e a administração dos negócios como um todo (BAZANINI, 2002. p.21).

É necessário que se perceba, na história da humanidade, um novo período e que a base para essa mudança seja o progresso técnico-científico, resultante do desenvolvimento científico e fundamentado na importância da tecnologia, a chamada ciência da produção. A Ciência das Religiões deve ocupar-se em fazer uso da tecnologia no processo educacional pautado em métodos científicos conscientes de que a escola é um laboratório cujo trabalho deve ser respaldado pelo uso e pela produção da Ciência.

A inovação é hoje considerada como o fator principal que permite às sociedades e às economias tornarem-se solidamente mais desenvolvidas. Assim, a inovação está colocada no centro de um novo modelo de crescimento econômico e de desenvolvimento, em que a capacidade de produzir, disseminar, absorver e recombinar conhecimentos ocupa um papel-chave.

A instantaneidade da informação globalizada aproxima os lugares, torna possível uma tomada de conhecimento imediata de acontecimentos simultâneos e cria, entre outros lugares e acontecimentos, uma relação unitária à escala do mundo. Hoje, cada momento compreende, em todos os lugares, eventos que são independentes, incluídos em um mesmo sistema global de relações.

Não pretendemos fazer aqui uma história do conceito de conhecimento. Apresentamos apenas alguns momentos dessa relação entre o conhecimento, a modernidade e a religião. Um tipo específico de pensamento que conduz aos seus impactos sobre a produção do conhecimento. Neste sentido, apontamos duas linhas que vão guiar nossa exposição. A primeira refere-se ao conhecimento como produção. Não se trata de um enfoque histórico-evolutivo no contexto da cultura ocidental, nossa preocupação é destacar o papel da universidade na produção do conhecimento.

A segunda linha perpassa o conhecimento dito racional, destacando-se o conhecimento da fé, as crenças individuais, de grupos, de povos, de gerações, pois entendemos que a fé está presente na vida do homem, na sua experiência humana, por isso, na raiz de sua ação.

Portanto, neste trabalho tratamos tematicamente dessas questões, e uma linha heurística possível é a de considerarmos a noção de conhecimento diante das realidades contemporâneas.

A produção do conhecimento e a universidade

A emergência do conhecimento sem fronteiras e da sociedade da informação, em um mundo cada vez mais globalizado, confronta a educação superior contemporânea com desafios sem precedentes. Por isso que Santos (2002) afirma que o processo de globalização mostra que estamos perante um fenômeno multifacetado com dimensões econômicas, sociais, políticas, culturais, religiosas e jurídicas interligadas de modo complexo.

Se o conhecimento é central no novo paradigma econômico-produtivo e social-político, então também o é a universidade, dada sua relação intensiva com o conhecimento.

Isso tem reflexos nas atitudes dos pesquisadores e suas relações com a ciência e a sociedade.

As transformações sociais recentes e as tecnologias de informação e comunicação que embasam novas metodologias vêm alterando significativamente o fazer científico, apontando para uma *ecologia de saberes* (SANTOS, 2006).

O conhecimento produzido na Universidade e por ela socializado difere do conhecimento que emerge e transita no cotidiano: aquele surge da problematização da realidade e da investigação sistemática e rigorosa, visando à construção de respostas ou de alternativas de solução aos problemas estudados; enquanto o conhecimento cotidiano surge da vivência em cada contexto social e cultural, não tendo compromisso com o rigor acadêmico. Assim, é papel da Universidade manter espaços para a explicitação dessas duas formas de conhecimento e promover a pesquisa com vistas à produção do conhecimento.

Para Witter (apud MOURA, 1997, p. 9), a produção científica consubstancia a atividade das instituições que trabalham com a investigação e a produção da ciência. Por isso, ela afirma que:

Produção científica é a forma pela qual a universidade ou instituição de pesquisa se faz presente no saber-fazer-poder ciência; é a base para o desenvolvimento e a superação da dependência entre países e entre regiões de um mesmo país; é o vínculo para a melhoria da qualidade de vida dos habitantes de um país; é a forma de se fazer presente não só hoje, mas também amanhã; é... Este rol pode ir longe mas, seja qual for o ângulo que se tome por referência, é inegável o papel da ciência na vida das pessoas, das instituições dos países. Pode-se afirmar que alguma produção científica está ligada à maioria, quase totalidade das coisas, dos eventos, dos lazeres com que as pessoas se envolvem no cotidiano.

O interesse científico se vê confrontado nos nossos dias com o interesse político, principalmente na construção de hegemonias comparativas entre os países do mundo, que não raramente afrouxa se não receber apoio financeiro de que é necessário para execução das suas pesquisas e descobertas.

O relacionamento da ciência e tecnologia é uma das receitas que os pesquisadores encontraram para gerir o mundo moderno. De acordo com Gilberto (2005) o objetivo da ciência é melhor conhecimento e compreensão de tudo quanto existe; a criação de novas realidades; busca proveito espiritual, proveito material dos homens.

Como a história da sociedade capitalista demonstra, o conhecimento científico e tecnológico é um fruto de maturação lenta: exige tradição e recursos financeiros por parte dos grupos que o produzem.

O grande avanço da ciência e da tecnologia da segunda metade do século XX deu-se em sua maior parte graças aos recursos públicos investidos pelos países ricos na educação e na pesquisa. Os efeitos da globalização não atingem apenas os modos de produção, mas também a socialização ou a distribuição e o uso dos conhecimentos.

Então, é importante que a educação superior produza conhecimentos e formação com um grande sentido de pertinência social. Por meio do conhecimento e do trabalho de formação, sem abdicar de suas competências críticas, ela deve desenvolver a capacidade de resposta às demandas e às carências da sociedade.

Para Leonardo Boff (1994) a ética dominante na sociedade contemporânea seria utilitária e antropocentrada. Tudo se iniciaria e terminaria com o ser humano.

A Declaração Mundial sobre a Educação Superior afirma, no seu preâmbulo, que:

[...] sem uma educação superior adequada e instituições de pesquisa que formem massa crítica de pessoas qualificadas e cultas, nenhum país pode garantir genuíno desenvolvimento endógeno e sustentável; e, em particular, os países em desenvolvimento e os países de menor desenvolvimento relativo não poderão reduzir o hiato que os separa dos países desenvolvidos industrializados (UNESCO, 1999).

A Declaração afirma que há “maior consciência da importância fundamental que esse tipo de educação tem para o desenvolvimento sociocultural e econômico, e para a construção do futuro”. E afirma que:

Devido ao escopo e ao ritmo das mudanças, a sociedade cada vez mais tende a fundamentar-se no conhecimento, de modo que a educação superior e a pesquisa atuam hoje como parte fundamental do desenvolvimento cultural, socioeconômico e ecologicamente sustentável dos indivíduos, comunidades e nações (UNESCO, 1999).

Conforme vimos, se o conhecimento ocupa hoje lugar central nos processos que configuram a sociedade contemporânea, as instituições que trabalham com e sobre o conhecimento participam também dessa centralidade. Esta centralidade faz do conhecimento um pilar da riqueza e do poder das nações.

O desafio da era do conhecimento envolve universidades, pois na América Latina elas são as instituições responsáveis pela maior parte dos pesquisadores e da atividade científica. Isso mostra o papel fundamental que têm as universidades nesses países no que concerne às tarefas de pesquisa e de promoção do conhecimento científico e tecnológico. Dos seis bilhões de habitantes, apenas 150 milhões participam de atividades científicas e tecnológicas, sendo que 90% desses se concentram nos países mais industrializados, o que justifica a divisão internacional entre os que produzem e controlam o uso dos conhecimentos e, na outra ponta, aqueles que não têm meios para produzir conhecimentos e muito menos receber seus benefícios.

Lançadas no início do século XIX, essas instituições foram acompanhando a dinâmica do desenvolvimento das forças produtivas locais, transformando-se gradativamente em instituições de pesquisa e desenvolvimento.

Trata-se de traduzir os objetivos gerais e os objetivos da sociedade em termos das tarefas que cabem à educação superior, nos seus aspectos quantitativo e qualitativo: formação de pessoal especializado de alto nível; pesquisa; tarefas de extensão e serviço a serem programados, etc.

Price (1976), analisando a situação da pesquisa no Brasil, em relação à de países com o mesmo índice de desenvolvimento aproximadamente, concluiu que a produção científica brasileira é muito baixa, isto é, a capacidade econômica e tecnológica brasileira supera de longe o desenvolvimento da pesquisa.

Para Pereira (1980) essa defasagem é resultante da dependência do Brasil em relação aos países mais desenvolvidos, dos quais importa quase todo o conhecimento que garante seu progresso tecnológico.

A principal responsabilidade das universidades latino-americanas com respeito à globalização consiste em assumi-la criticamente. Com todas as suas consequências, a globalização precisa ser um item prioritário na agenda acadêmica de reflexão e pesquisa.

Depois das revoluções sociais do século XX e com as lutas políticas e sociais que elas provocaram, a educação e a cultura passaram a ser concebidas como parte integrante da cidadania e, portanto, como direitos dos cidadãos, fazendo com que além da sua vocação republicana, a universidade tenha-se tornado também uma instituição social inseparável da ideia de democracia e de democratização do saber.

O papel da universidade é preponderante para o verdadeiro desenvolvimento de uma sociedade do conhecimento. É, assim, hoje em dia, necessária uma instituição de Ensino Superior que permanentemente desenvolva novos conhecimentos e saberes, uma instituição em que a inovação e a produtividade sejam um requisito permanente.

Não há dúvida de que o mundo acadêmico deva envolver-se mais com os processos sociais, econômicos e culturais, mantendo as características que a distinguem como academia; afinal, a universidade é uma instituição social e, como tal, expressa de determinada maneira a estrutura e o modo de funcionamento da sociedade como um todo.

Ciência e religião

O processo de globalização atravessa os lugares de maneira diferenciada e desigual. Na diversidade desse processo, as religiões guardam suas especificidades, embora o lugar que o universo religioso ocupava nas sociedades tradicionais foi definitivamente remodelado e adquiriu uma nova configuração.

Os aspectos práticos e espirituais da vida humana revelam a necessidade de uma exploração sistemática dos papéis que a ciência e a religião exercem no processo de desenvolvimento.

Lourenço conceitua produção intelectual como: "Toda produção documental, independente do suporte desta - papel ou meio magnético - sobre um determinado assunto de interesse de uma comunidade científica específica, que contribua para o desenvolvimento da ciência e para a abertura de novos horizontes." (LOURENÇO. 1997.p.25).

Os métodos da ciência permitiram à humanidade chegar a um entendimento coerente das leis e dos processos que governam a realidade física, e, de certa forma, a operação da própria sociedade. As percepções decorrentes da religião levaram a um entendimento relacionado às questões mais profundas dos propósitos e das iniciativas humanas. A sociedade moderna, na sua estrutura, é multireligiosa.

A legitimidade da universidade moderna se fundamentava na ideia da autonomia do saber face ao Estado e à religião e, portanto, a ideia de um conhecimento guiado pela sua

própria lógica, por necessidades inerentes, do ponto de vista tanto da sua invenção quanto descoberta como da sua transmissão.

Diante desse processo complexo de interação de conhecimentos e saberes, a compreensão das religiões adquire novas perspectivas, que as revelam cada vez mais dinâmicas e contraditórias. Neste contexto, destaca-se Edmund Husserl (1859 – 1938), que, ao criar o método da fenomenologia, proporcionou aos pesquisadores condições de realizar um estudo ordenado e sistemático do fenômeno – aquilo que aparece; fato ou evento que pode ser explicado –, deixando de lado as especulações e suposições de juízos de valores e procurando, por meio da análise da experiência, permitir aos fenômenos falar por si mesmos.

A metodologia neste caso baseia-se nas essências das quais os fenômenos não seriam apenas meras aparências e sim eles próprios em sua totalidade. Ou seja, a fenomenologia preocupa-se com o ser enquanto ser a revelia ao modo pelo qual se manifesta, buscando assim as essências absolutas de tudo o que existe.

Como comenta Eliade (1990, p. 17), um fenômeno religioso somente se revelará como tal com a condição de ser apreendido dentro da sua própria realidade, isto é, de ser estudado à escala religiosa.

O desenvolvimento do fenômeno religioso nas culturas humanas aponta para estágios bem específicos. Verificam-se quando o ser humano busca respostas sobre o sentido de sua existência por meio de questionamentos que extrapolam as necessidades meramente biológicas, perguntando sobre a origem, o sentido e o fim das coisas e de sua própria existência. Essas perguntas, que, num primeiro momento, esperavam respostas das tradições religiosas, atualmente são da competência de todas as formas de conhecimento desenvolvidas pelo ser humano.

Considerações Finais

Se o século XX foi o da procura de certezas científicas e do desenvolvimento acelerado das várias disciplinas do conhecimento humano, o presente século está marcado para ser o da incerteza e da abordagem interdisciplinar. Neste caso, “pesquisa” não

significa a aquisição de conhecimento de alguma coisa, mas a posse de instrumentos para intervir em algo e controlá-lo.

Acredita-se que os novos estudos sobre o processo de globalização possibilitem a construção de um novo projeto de sociedade, que supere a opressão e a exclusão sociais, visto que há, neste início da primeira década do século XXI, segundo Santos,

[...] o reconhecimento de que há conhecimentos rivais alternativos a ciência moderna e de que mesmo no interior desta há alternativas aos paradigmas dominantes. Com isto, a possibilidade de uma ciência multicultural, ou melhor, de ciências multiculturais é hoje mais real do que nunca (SANTOS, 2002c, p.15).

Assim, se faz necessário que a universidade pública venha a se mostrar como espaço político e ideológico, o qual preserve, construa e incentive a pluralidade do conhecimento no ensino, na pesquisa e na extensão para motorizar as transformações exigidas pela nova economia de mercado, de modo a elaborar uma compreensão ampla e fundamentada relativamente às finalidades e transformações da sociedade, que consiga construir práticas para além da crítica, do lamento ou da negação individual frente aos imperativos dos caminhos hegemônicos que agilizam o processo, para além da mera simplificação da vida profissional de cada um e de todos; afinal, esta instituição faz parte da totalidade da vida social, uma vez que a informação e o conhecimento são os mais importantes insumos do paradigma produtivo.

Referências

BAZANINI, R. **Filósofos do capitalismo:** a busca da melhor maneira de fazer. Maio/agosto-2002.

BOFF, L. **Nova era:** a civilização planetária, São Paulo, Ática, 1994

ELIADE, Mircea. **Tratado de história das religiões.** Lisboa: Ed. Cosmos, 1990.

GILBERTO, S. O papel da ciência e tecnologia dentro da estratégia de segurança nacional da doutrina bush. **In: Relações internacionais no mundo globalizado atual.** Curitiba: faculdades integradas, 2005, p. 9-24.

LOURENÇO, C. de A. Automação em bibliotecas: análise da produção via Biblioinfo (1986/1994). In: WITTER, Geraldina Porto (org.). **Produção científica**. Campinas: Átomo, 1997. 311p.

OLIVEIRA, L. B. et al. **Ensino religioso: fundamentos e métodos** – São Paulo: Cortez, 2007.

PEREIRA, J. C. Saúde e política nacional de ciência e tecnologia. **Educação e sociedade**, 6: 19-32, Jun.1980.

PRICE, D. J. de S. **O desenvolvimento da ciência: a análise histórica, filosófica, sociológica e econômica**. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1976. 96p.

SANTOS, B. de S. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. Porto, Portugal: Almedina, 2006.

_____. Os processos de globalização. In: SANTOS, B. S. (Org.). **A Globalização e as Ciências Sociais**. São Paulo: Cortez, 2002. P. 25-102.

_____. Democratizar a democracia: os caminhos da democracia participativa. In: SANTOS, B. S. (Org.). **Reinventar a emancipação social: para novos manifestos**, v.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002(c).

SAVIANI, D. **A nova lei da educação**. Campinas: Autores Associados, 1997.

SOBRINHO, J. D. Educação superior, globalização e democratização. **Revista Brasileira de Educação**. Jan/Fev/Mar/Abr 2005 n 28.

UNESCO. Declaração sobre a Ciência e o Uso do Conhecimento Científico: Conferência Mundial sobre Ciências, Budapeste, 1 Jul. 1999. Budapeste: UNESCO, 1999b.

WITTER, G. P. (Org.). (1997). **Produção científica**. Campinas, SP, Átomo.